



Sylvia Caiuby Novaes ¹

O Trabalho das Imagens — Imagens e sons do Trabalho

Resumo: O ensaio fotográfico e o texto se detém em um dos pequenos ofícios — o amolador de facas — que até hoje pode ser visto nas ruas de São Paulo e de algumas outras cidades. Tal como o sorveteiro, o vendedor de biju e o tocador de realejo, o amolador de facas anuncia sua chegada por sons característicos.

Palavras chave: pequenos ofícios; amolador de facas; sons do trabalho.

The Work of Images — Images and Sounds of Work

Abstract: The photo essay and the text focus one of the small trades — the knife sharpener — that can still be seen on the streets of São Paulo and some other cities. Like the ice cream man, the seller of biju and the organ-grinder, the knife sharpener announces his arrival by characteristic sounds.

Key words: small trades; knife-grinder; sounds of work.

¹ - Universidade de São Paulo — USP
Bolsista PQ-CNPq
Bolsa FAPESP 2018/28.21140-9
scaiuby@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-7415-2010>
<http://lattes.cnpq.br/2337013251653111>

O som é típico e, ainda hoje, é possível ouvi-lo nas ruas residenciais de São Paulo. Quem ouve e conhece já sai de casa com o que precisa ser amolado. O amolador de facas pode ser figura conhecida em algumas vizinhanças e muitos deles têm freguesia fixa. Alguns dos clientes fixos são moradores das ruas por onde eles passam, outros podem ser restaurantes, costureiras, salões de beleza.

A profissão é, na maioria das vezes tradição de família e os instrumentos de trabalho passam de pai para filho: uma bicicleta, ou parte dela a que se acopla uma mesa onde se prende o esmeril e o rebolo, as pedras para afiar, que são giradas acionando o pedal da bicicleta. Facas, facões, tesouras dos mais diversos tipos, alicates, instrumentos de poda de jardim, até machados são os objetos que os clientes confiam ao amolador. Alguns objetos são mais raros, mas podem chegar a ele, como as facas de prata e até espadas ninja.

O som que o amolador espalha pelas ruas vem de uma gaita que ele sopra, uma pequena flauta de pã de canos ou de plástico que ele usa como apito.

Embora o som seja típico, a melodia tocada varia de cidade a cidade. A melodia tocada pelo amolador que ouvimos em São Paulo ² é sempre a mesma, mas diferente daquela tocada pelos amoladores de Porto Alegre ³ ou de alguma cidade de Portugal ⁴.

Em Portugal, onde os amoladores são conhecidos como afiadores, muitos conser-tam também guarda-chuvas, são reparadores de sombrinhas.

A fotografia documental, no início de sua história, buscou fazer um catálogo dos “pequenos ofícios”, (MacDougall, 2019:160), essas atividades em que “os homens são mais criativos, livres e distantes dos olhares vigilantes dos meios reguladores próprios das grandes fábricas” (Souza Pereira, 2016). Esses pequenos ofícios são autônomos e domiciliares, pressupõem qualificação específica, em geral passada de pai para filho e, no Brasil, muito comuns entre filhos de imigrantes portugueses, espanhóis e italianos. Dentre esses ofícios podemos citar o de sapateiro, carpinteiro, chapeleiro, marceneiro, barbeiro, alfaiate, tintureiro, cesteiro e tapeceiro.

Entre 1898 e 1900 um fotógrafo hoje famoso, Eugene Atget, dedicou-se a uma série dessas fotos, que ele reuniu nos *Petits Métiers* (Pequenos Ofícios).

São conhecidas suas fotos das floristas, do amolador de facas, do tocador de realejo, limpadores de chaminés, acendedores dos lampiões a gás para iluminação das cidades, e vendedores de rua. Realizadas na virada para o século XX, essas fotos foram captadas numa Paris em que os vendedores ambulantes cediam espaço para as grandes lojas e a sociedade rapidamente se industrializava. As fotos de Atget, mais do que nostálgicas, são documentais, mostram o papel dessas pessoas e seu modo de trabalho num momento de profundas transformações urbanas e sociais.

Grande admirador das fotografias de Atget, um outro grande fotógrafo, Irving Penn, dá início nos anos 1950 à série “Small Trades” (Pequenos Ofícios). Essa série foi realizada para a revista *Vogue*, em 1950, em Londres, Nova York e Paris. Diferentemente de Atget, que fotografava esses profissionais nas ruas de Paris, Irving Penn os fotografava em um estúdio, pedindo a eles que fossem a seu estúdio vestidos exatamente como quando trabalhavam, inclusive com suas ferramentas de trabalho. Penn registrou em seu estúdio lavadores de caminhões, fotógrafos de rua, modelos de estúdio para escultores e pintores, confeitheiros, faxineiras, vendedores de sanduiches nos trens, vidraceiros, carvoeiros e encanadores.

Sempre tive enorme interesse por esses pequenos ofícios e um de meus projetos é registrá-los fotograficamente. Desde criança ouço os diferentes ambulantes que anunciam o que tem a oferecer nas ruas de São Paulo. Surpreendentemente, eles continuam a frequentar a rua em que moro. Sabemos quem é pelo som: a corneta do sorveteiro ⁵, o som da matraca do vendedor de biju ⁶, o tocador de realejo ⁷, a gaita do amolador de facas. São sons de infância que ainda voltam nas ruas de São Paulo.

2 - Áudio: https://www.youtube.com/watch?v=y2O_-0jokwE

3 - Áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=UBnJD0Kkk-M>

4 - Áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=C0JznE2UwEQ>

5 - Áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=NkqDe18BScQ>

6 - Áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=tTY47fD0RUU>

7 - Áudio: <https://www.youtube.com/watch?v=HYkTh0TQynE>

Referências

MacDougall, David: *The Looking Machine*. Manchester: Manchester University Press, 2019.

PENN, Irving: *Worlds in a small room*. Nova York: Grossman Publishers, 1974.

Pereira, Douglas Souza: Pequenos Ofícios, Trabalho e Sobrevivência na Cidade. XVII Encontro Estadual de História — ANPUH-PB, v. 17, n. 1, 2016







